



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

**PAULINER LIRA DOS SANTOS**

**ALFABETIZAR LETRANDO NAS SÉRIES INICIAIS**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2014**

**PAULINER LIRA DOS SANTOS**

**ALFABETIZAR LETRANDO NAS SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237a Santos, Pauliner Lira dos.

Alfabetizar letrando nas séries iniciais [manuscrito] : /  
Pauliner Lira dos Santos. - 2014.  
37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia  
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de  
Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade  
Praxedes, Secretaria de Educação à Distância".

1. Ensino Fundamental. 2. Alfabetização. 3. Letramento. 4.  
Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 379.24

PAULINER LIRA DOS SANTOS

ALFABETIZAR LETRANDO NAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade Estadual da  
Paraíba como requisito para obtenção do  
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data da avaliação: 25/07/2014  
Nota: 8,5

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
UEPB/CAMPUS IV

Francineide Pereira Silva  
Examinador (a): Prof(a) Ma. Francineide Pereira Silva  
UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2014

## DEDICATÓRIA

À minha família, aos meus filhos, esposo, a meus pais e a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por estar comigo em todos os momentos, iluminado-me, sendo refugio e fortaleza nos momentos mais difíceis. A Ele, minha eterna gratidão.

Aos meus filhos Everton, Evely e Erike, a meu esposo Fernando, a meus pais Mauricio e Rita Lira, aos meus irmãos Tânia, José Wellington, Otávio, Pedro, Antônio, Fátima, Rita de Cássia, a minha tia Maria, sobrinhos, amigos, enfim pessoas que sempre me incentivaram e acreditaram no meu potencial.

Aos mestres que contribuíram para a minha aprendizagem nesta fase de conclusão da docência em Pedagogia.

À Pró-reitora de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, pela oferta do Curso.

À coordenadora geral do PARFOR Adalgisa Rasia, pela atenção dispensada durante o curso.

À coordenadora do PARFOR, Pólo de Catolé do Rocha, Benedita Ferreira Arnaud, pelo acompanhamento e orientações.

À professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pela orientação, cordialidade e pela dedicação ao longo da realização deste trabalho.

A todos, muito obrigada.

O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola.

Jean Piaget

## RESUMO

Quanto aos procedimentos técnicos este trabalho se caracteriza em uma pesquisa bibliográfica em função da contribuição das teorias no âmbito da gestão escola, da educação infantil e do ensino fundamental, como também em um estudo de campo, dado a realização de observação e intervenção direta nas atividades das escolas que serviram de campo para os estágios supervisionados do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia PARFOR/CAPES/UEPB. O objetivo desse estudo é refletir sobre a relevância da participação democrática dos autores que compõem a escola nos processos da gestão escolar e nas ações pedagógicas no âmbito da leitura e da escrita. As teorias que orientaram essas reflexões têm em MARTINS (2002), BARBOSA (1994), PCN (1997), BUSS (2008), SOARES (1999) e FREIRE (1996) as principais referências. O resultado da pesquisa revela a necessidade de se pensar uma gestão escolar cada vez mais descentralizadora, onde os sujeitos possam participar efetivamente da tomada de decisões. Além disso, aponta, também, que é preciso rever algumas práticas de leitura e escrita ainda vigente na maioria das escolas de ensino fundamental que pouco estimular para a alfabetização na perspectiva do letramento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Fundamental. Alfabetização. Letramento. Aprendizagem

## **ABSTRACT**

As for the technical procedures this work is characterized in a literature search according to the contribution of theories in the management school, kindergarten and elementary school, as well as in a field study, given the realization of direct observation and intervention in activities schools that served as a camp for the supervised training of the Course Full Degree in Pedagogy PARFOR / CAPES / UEPB. The aim of this study is to discuss the relevance of democratic participation of authors that make up the school in the processes of school management and educational activities in the context of reading and writing. The theories that have guided these reflections in MARTINS (2002), BARBOSA (1994), NCP (1997), BUSS (2008), SMITH (1999) and FREIRE (1996) the main references. The search result shows the necessity of understanding an increasingly decentralizing school management, where subjects can participate effectively in decision making. Moreover, points out, too, that we need to review some practices of reading and writing still prevailing in most elementary schools that little boost to literacy from the perspective of literacy.

**KEYWORDS:** Elementary Education. Literacy. Literacy. Learning

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. REFLEXÕES TEÓRICO/ PRÁTICAS ARTICULADAS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS .....</b>	<b>11</b>
1.1 A gestão escolar na escola pública.....	11
1.2 A escola e o aluno na Educação Infantil.....	15
1.3 A escola e o aluno da Educação Fundamental.....	17
<b>2. UM OLHAR SOBRE A ESCOLA: a educação infantil como foco.....</b>	<b>22</b>
<b>3. ALFABETIZAR LETRANDO NAS SÉRIES INICIAIS: caminhos possíveis</b>	<b>29</b>
3.1 Alfabetização e letramento: planejar é preciso.....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Discutir as questões que envolvem a escola e as formas de com ela se articula com os processos de ensino-aprendizagem é sempre um desafio, pois a sociedade hoje passa por processos de transformações cada vez mais rápidos, exigindo da escola, da família, do professor, novas formas de educar e ensinar, que possam atender as necessidades de crianças, jovens e adultos nesse contexto atual, a fim de que se tornem cidadãos mais humanos, críticos e participativos.

Nesse ínterim, a sociedade aposta na mudança também dos paradigmas estabelecidos nas práticas gestoras e pedagógicas. E, como forma de compreender como se configuram essas práticas, os Estágios Supervisionados propiciaram um contato com a rotina de escolas públicas do município de Catolé do Rocha, atentando, sobretudo para o cotidiano da criança nos primeiros anos de escolaridade.

Compreender as questões que envolvem a gestão democrática no espaço escolar, as práticas de ensino que incidem na educação infantil, bem como no ensino fundamental, torna-se a tônica dessas discussões. Contudo, entende-se que não há como falar de ensino fundamental no nível I sem discutir o modelo de alfabetização adotado pela escola, sobretudo no que diz respeito aos procedimentos de leitura no ciclo de alfabetização da criança, pois compreende-se que alfabetizar letrando é a melhor forma de tornar esse processo mais consistente, visto que a alfabetização na perspectiva do letramento evita a fragmentação dos saberes linguísticos e a corrobora a compreensão da função social da leitura.

Partindo dessas reflexões, este trabalho está estruturado em três seções. A primeira traz uma reflexão teórico-prática articulada aos Estágios Supervisionados I, I e II, do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - UEPB/PARFOR/CAPES, atentando para a gestão escolar e suas formas de funcionamentos, uma vez que não se pode mais conceber um modelo de escola centralizador, isto é, dissociado da democratização e transparência administrativa. Além disso, incorre-se sobre as práticas de ensino na educação infantil, sobretudo no que diz respeito aos cuidados com as crianças e a inserção de atividades que desenvolvam suas potencialidades motoras e cognitivas. Quanto ao ensino fundamental, destaca-se a importância da

alfabetização no âmbito do letramento, pois, acredita-se que a leitura precisa ser ensinada de forma que a criança desde cedo compreenda o que ler.

A segunda seção apresenta algumas ideias do que seja o ensino fundamental, sua função e suas necessidades. Para isto, recorre-se a diversas concepções teóricas para discutir aspectos dessa fase tão significativa para a criança, que se vê, muitas vezes, diante de um labirinto de informações sem saber como lidar com elas. Por outro lado, o professor também não sabe o que e como ensinar a criança, sobretudo no que se refere à leitura e à escrita.

A terceira e última seção trata de uma abordagem teórico-prática sobre a alfabetização na perspectiva do letramento, vista como um meio de desenvolver as habilidades de leitura e compreensão do texto desde cedo nas crianças dos primeiros anos de escolaridades.

Nesse sentido, compreende-se que ao chegar à escola, logo nos primeiros anos de ensino, a criança precisa ter um contato permanente com a leitura de forma contextualizada, a fim de que ela seja de fato estimulante e significativa para a vida do aluno.

## **1. REFLEXÕES TEÓRICA/ PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

O Estágio Supervisionado constitui-se como umas das partes que integram a formação do professor, pois é o momento em que o futuro profissional docente passa a conhecer o funcionamento da escola e as práticas de ensino estabelecidas dentro do ambiente escolar. É o momento em que o aluno estagiário articula os saberes teóricos com a prática.

O estágio assume, no âmbito educacional, uma dimensão ampla e desafiadora, visto que o estagiário passa a conviver com a realidade das práticas pedagógicas que se efetivam na escola, bem como da gestão escolar e todo o funcionamento da escola, fase em que conhece a rotina e intervém direta ou indiretamente nas atividades da escola, principalmente em escolas públicas.

Os cursos de Licenciatura Plena propicia ao aluno estagiário um contato a escola para que ele redimensione as ações teórico- práticas durante a vigência do estágio e, posteriormente, a aplicabilidade dessas ações indissociáveis da prática pedagógica. Assim, o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba possibilitou uma reflexão sobre a teoria e prática educacional no fazer pedagógico, que se configura hoje como um desafio diante de tantas mudanças e exigências da sociedade.

Nesse sentido, observamos o funcionamento da gestão escolar e como se configura a educação infantil e o ensino fundamental de algumas escolas públicas do município de Catolé do Rocha- PB. Durante o período de observação e intervenção foi possível pensar e planejar ações didático-pedagógicas que pudesse colaborar com uma aprendizagem dinâmica e significativa aos alunos que estudam nas escolas que serviram de campo de estágio.

### **1.1 Gestão Escolar em Escola Pública**

A escolar como espaço de sistematização, construção e organização do conhecimento, apresenta referências sobre os processos pelos quais os professores tornam-se professores, e a gestão como espaço-tempo privilegiado para que estes processos aconteçam. Há muito tempo, a preocupação com a educação e a

qualidade do ensino público tem sido objeto de reflexão de muitos pesquisadores, professores e comunidade escolar.

Numa realidade assim estabelecida, percebemos a escola como instituição social. Refletindo sobre esse aspecto Canário (2007), lembra que a escola é como uma organização viva, que constantemente se altera, se modifica e se constrói. Neste sentido, faz-se necessário pensar em uma escola plural, com múltiplos agentes e uma heterogeneidade de saberes advindo de universos externos que precisam ser agregados e valorizados aos saberes sistemáticos constituídos na escola.

Nesta perspectiva, as finalidades políticas e pedagógicas que norteiam o trabalho da gestão escolar, podem ser articuladas com inúmeras discussões e decisões frente às ações, programas e projetos implementados pela escola. Neste contexto de discussões e articulações, surge a gestão democrática e transparente.

A gestão da educação, quando pensada numa perspectiva democrática, nos revela a necessidade de pensarmos em uma escola cuja tomada de decisões e ações não se voltem apenas ao gestor escolar, mas que considere principalmente, a participação de todos os envolvidos.

Acreditamos que a partir de um investimento sério neste processo é possível obter a qualificação das práticas gestoras, afinal o gestor escolar é um dos sujeitos de articulação entre as decisões, ações e realizações administrativas e pedagógicas dentro da escola. Agindo desta forma, a gestão emerge como instrumento descentralizador e democrático. De acordo com Azevedo (2006, p. 510)

A gestão democrática no sistema educacional público abre possibilidades para que se construa uma escola pública de qualidade, que atenda aos interesses da maioria da população brasileira, além de representar uma possibilidade de vivência e aprendizado da democracia, podendo, portanto, tomar um sentido diferenciado.

Muitos autores consideram que para o bom andamento da gestão é preciso ter como princípio a gestão democrática. É a partir dela, que vislumbramos melhorias na “qualidade da convivência humana, que se constrói na cultura do povo e na sua história” (BUSS, 2008, p. 23). Neste sentido, é preciso buscar a participação da comunidade em geral, descentralizando as decisões tomadas, garantindo, assim, diálogo e participação plena no ambiente escolar.

Tomando como base os fundamentos norteadores de gestão escolar, aquela que se organiza a partir da contribuição de todos os envolvidos, a escola como instituição social tem, acima de tudo, finalidades político-pedagógicas. E, sem dúvida, esses procedimentos são essenciais para a promoção de uma educação democrática a participação na tomada de decisões de toda a comunidade escolar.

Nesta perspectiva, percebe-se a necessidade de existir integração entre todos os segmentos que compõem a escola, o que caracteriza uma dinâmica participativa na comunidade escolar. Comunidade escolar aqui entendida quando há a participação de pais, professores, alunos, funcionários, direção e administração.

Para ver de perto o funcionamento de uma gestão escolar, sobretudo de instituições públicas, fomos a campo observar a rotina da A Escola Municipal Celso Mariz, localizada na Avenida Senador Rui Carneiro, 293, Bairro São José- Catolé do Rocha-PB. A referida Escola foi fundada em 1976, criada pelo Poder Executivo através do decreto subordina-se a Secretaria Municipal de Educação. Tem por finalidade manter a Educação Infantil I e II, Ensino Fundamental de 1° ao 5° ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A Educação Infantil trabalha com a faixa etária de quatro a cinco anos de idade e o Ensino Fundamental I, 1° ano de seis anos, 2° ano de sete anos, 3° ano de oito anos e 4° ano de nove anos e 5° ano de 10 anos de idade, ressaltando que o número de alunos fora da faixa etária é muito reduzido.

A Escola desenvolver um trabalho no sentido de contribuir para o bem-estar de seus educandos, tanto na parte sócio afetivo-cognitiva à psicomotora, como também visa garantir o acesso e a permanência do seu alunado na escola, procurando formar cidadãos críticos, conscientes e participativos.

Quanto à atuação docente, a escola tem um quadro de 19 professores, distribuídos em séries. Esses professores costumam trabalhar de acordo com PPP (Projeto Político Pedagógico), dos quais oito são graduados e possuem especialização e os demais estão cursando Pedagogia. Todos são comprometidos com seus deveres, respeitando e educando de seus alunos. A escola atende uma clientela de 337 alunos, sendo 99 na Educação Infantil e 218 no Ensino Fundamental I e 20 na Educação Jovens e Adultos.

A clientela que frequenta esta instituição de ensino é de baixa renda, muitos chegam à escola por causa da merenda e da bolsa escola, a escola enfrenta problemas, por causa da distorção idade e série, mas quase não existe evasão.

A Escola tem um Conselho Escolar e vários programas como:

- PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola)
- PODE (Projeto Orçamento Democrático Escolar)
- PROINFO (Participação de Funcionários da Educação)

Escola desenvolve o programa “Ciralendo, você lendo e a educação crescendo” criada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), cujo objetivo é desenvolver o gosto pela leitura e a escrita. Dentro desse programa há inúmeras atividades permanentes como: o “livro de mão em mão, literatura fonte de inspirações” que leva à praça pública atividades de leitura, escrita, dança. Teatro, música e exposições de trabalhos realizados pelas escolas da rede municipais, conta ainda com a “Mostra Literária” que é realizada nas escolas, abrindo espaço para que outras instituições tomem conhecimento das ações desenvolvidas sobre a literatura dentro das escolas. Essas atividades contam com a parceria da “Visão Mundial” (Organização Não Governamental), que promovem atividades de leitura, escrita entre outras ações nas escolas do município.

Durante o período de estágio foi possível perceber que a teoria ainda está um tanto distante da prática, pois é necessário que o professor seja mais ousado e criativo para conseguir realizar algumas mudanças na prática existente nas escolas.

O período de Estágio pode ser considerado de uma importância relevante para quem deseja seguir a profissão de professor, pois através do mesmo é possível se ter uma visão da realidade da sala de aula onde se dá a atuação do professor na sua prática depois de um longo período de formação.

Vemos também em nossas escolas que a situação não é tão fácil nem para o gestor nem tão pouco para os professores, vemos salas lotadas com grande número de alunos com situação precária todos de baixa renda onde suas famílias passam por necessidades, como também a falta de um trabalho para sua sobrevivência, os professores são mal remunerados, pois o seu salário também não dá condições para fazer um bom trabalho, alguns precisam trabalhar em outras atividades, dobrar a carga horária para poder complementar sua renda mensal para sobreviver.

Em relação a gestão escolar, observou-se que ela atua de forma democrática e participativa, pois procura socializar ideias, prestar conta de suas ações administrativas e colaborar com todo o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas da escola. Agindo desta forma, a gestão da escola campo de observação, exerce uma gestão participativa e colaborativa.

## **1.2 A escola e o aluno na Educação Infantil**

Atualmente, as escolas de Educação Infantil brasileiras têm objetivos sociais, educacionais e políticos. Segundo Didonet (2001), “o objetivo social da escola deve-se ao fato de que muitos pais precisam participar da vida econômica, cultural e política, contar com uma instituição que lhes dê suporte no cuidado de seus filhos”. Já a função educacional dessas escolas está ligada à ideia de criança enquanto sujeito da educação e à importância dos primeiros anos de vida como potencial de desenvolvimento. As escolas de educação infantil, em seu objetivo educacional, precisam promover a aprendizagem, mediando o processo de construção de conhecimentos e habilidades por parte da criança. O terceiro objetivo das escolas de educação infantil, segundo o autor, é político: elas devem iniciar a formação do cidadão.

Para Didonet, (2007, p. 11), a importância e as funções atualmente conferidas à educação infantil no Brasil não estiveram sempre presentes nessas instituições, e também não são resultado de uma evolução natural do sistema de ensino. Elas estão ligadas, isto sim, a um conjunto de mudanças históricas, econômicas, políticas e sociais, além de estarem vinculadas a certos movimentos que defenderam a importância da educação nos primeiros anos de vida.

No entanto, a criança deve ser permitida se apropriar do brincar, sem interferência, sem exigências, ficando livre para buscar soluções, arriscar, desenvolver a autoconfiança e a criatividade.

Exigir que a criança brinque com um brinquedo e determine uma forma de brincar específica, anula a liberdade e a espontaneidade da brincadeira, causando reflexos nas atitudes e escolhas que a criança tomará ao longo da vida. De acordo com Negrine (2002, p. 49)

A criança quando elege uma atividade, o faz de forma seletiva e, ao selecioná-la, explicita uma preferência que determina o início de uma relação sem determinado objeto material. Na realidade, a tendência da criança, num primeiro momento é de repetir o que já sabe fazer, ou até mesmo explorar o espaço e, em segundo momento, imitar outro e, finalmente, vivenciar novas experiências.

Como podemos observar, o autor defende que toda criança seleciona uma maneira diferente de eleger um tipo de brincadeira, que seja somente dela, e não uma coisa impositiva pelo adulto, visto que ela parte daquilo que ela já sabe para algo desconhecido. Para isto, o professor que trabalhar com a educação infantil precisa ter conhecimento sobre os procedimentos didático-pedagógicos ao lidar com as brincadeiras nesta fase da vida escolar dos pequenos.

Discutindo sobre formação do professor, Kramer (1994) afirma que as professoras devem estar em permanente formação, pois assim terão a oportunidade de “Construir” e “Reconstruir” suas práticas pedagógicas. No que se refere à brincadeira, pode-se dizer que o professor de educação infantil precisa entender que a brincadeira é uma atividade indispensável para o desenvolvimento infantil, visto que essa atividade se configura como um meio natural de expressão da criança. Para Dorneles (2001, p. 104) “é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro e com o mundo”. Através das brincadeiras a criança exerce sua capacidade de criação e imaginação, intensificando cada vez mais a aprendizagem e as relações existentes na escola.

Durante as observações ficou evidente que a professora sempre recorre aos parâmetros curriculares e as metodologias para facilitar e aperfeiçoar a sua prática docente e atender às necessidades da criança em relação ao aprender brincando. A docente tem facilidade em lidar com seus alunos e aplicar estratégias e metodologia de ensino de forma dinâmica e criativa, com atividades lúdica e desafiadora inseridas em sala de aula.

No que tange o contato com a linguagem, a professora da escola campo de estágio considera os saberes linguísticos das crianças a partir da oralidade. De acordo com Freire (1981), é no esforço de continuar desafiando os alfabetizandos a ler criticamente e a escrever, ao mesmo tempo em que se prossegue no estímulo a sua oralidade, que a criança desenvolve outras habilidades linguísticas.

O projeto de ensino da referida escola contempla um conjunto de atividades que trabalham com conhecimentos específicos a partir dos eixos temáticos de

trabalho. É uma proposta pedagógica voltada para a interdisciplinaridade priorizando as áreas de conhecimento e foi elaborado, individualmente, com base no RCNEI (1998, p. 57).

E foi com base nessas orientações que planejei minha intervenção pedagógica na Escola Municipal Celso Mariz, em uma turma 13 alunos.

Durante a semana de intervenção ao iniciar a com uma colhida, uma oração de Pai nosso em seguida cantei uma canção de boa tarde, já que era período junino, comecei a minha aula, perguntando aos alunos o que eles entenderiam por festas juninas, e todos responderam e verifiquei o olhar de entusiasmo com que eles iam se envolvendo com as aulas, sendo assim comecei a cantar uma música referente ao tema: Festa Junina. Depois dando continuidade os objetivos e conteúdos trabalhados, que são planejados com os professores.

Estive em vista a sala de aula bem organizada, sala esta que ajuda no desenvolvimento motor e cognitivo do aluno, a participação de todos nas atividades desenvolvidas em sala de aula, dando oportunidade de cada um se expressar de maneira criativa e lúdica.

O trabalho foi desenvolvido com maneira lúdica que as atividades seja prazerosas ao ponto que os alunos participem com harmonia e dedicação as aulas.

### **1.3 A Escola e o Aluno do Ensino Fundamental I**

Toda a escola tem flexibilidade ou tenta ter, dependente das várias maneiras de atividades. Assim, a escola é um lugar de transformação e incentivo na vida da criança. Imbuídos desse pensamento o estágio supervisionado propiciou conhecer de perto a rotina de outra escola da rede municipal de ensino. Desta feita, a escola campo de estágio foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Sergina Laura Dantas, que se constitui como uma das mais antigas escolas da cidade, pois na época de fundação da cidade, num tempo em que existia um alto índice de analfabetismo em todo o Nordeste brasileiro e as escolas eram poucas, principalmente no interior da Paraíba, a Escola Sergina Laura surgiu como divisor de águas, foi fundada em 1980, pelo então Governador Tarcisio Burity. Situada na Rua Dr. Antonio Ferreira, nº 155, Bairro do Corrente, na cidade de Catolé do Rocha no estado da Paraíba.

A referida escola atende a uma clientela diversificada. A maioria dos alunos pertence à classe menos favorecida da sociedade, por isso possui pouco acesso às atividades esportivas, artísticas, culturais e de lazer. Muitas vezes, os alunos desenvolvem seus trabalhos extraclases sem nenhum recurso ou até mesmo deixam de fazê-los por razões diversas: falta de incentivo, dificuldades materiais, ausência dos pais ou responsáveis que os oriente.

Mesmo diante das dificuldades, a escola tem alguns recursos destinados especificamente a determinados fins pedagógicos, tais como:

- Uso dos cantinhos de leitura;
- Atividades artísticas;
- Educação Ambiental;
- Programa “Primeiros Saberes da Infância” - SSE/PB
- Atividades extraclases: gincanas, festa junina, excursões, etc.

Na estrutura física atual temos: Quatro salas de aula (sendo uma sala de recurso multifuncional), sala de professores, Diretoria, secretaria, cantina, depósito de merenda, quatro banheiros (dois deles adaptados para PNE's) e um salão.

A escola, em destaque, conta com Direção, especialistas, corpo docente, funcionários, alunos e elementos da comunidade. Ela conta em seu quadro de funcionários com 07 professores, Coordenadora Pedagógica e 08 servidores de apoio. Com base na estruturação de turmas do ano de 2013, a clientela da Escola Estadual de Fundamental Sergina Laura Dantas é de faixa etária baixa, como matrícula inicial de 106 alunos, incluindo Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na instância de participação a escola conta com o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Conselho Escolar.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é mais do que a necessidade de responder a uma solicitação formal. É a reflexão e a contínua expressão de nossas ideias sobre a educação, o currículo sobre a relação teórica e prática.

A Escola Estadual Sergina Laura Dantas em 2013 participou como concorrente do Prêmio Escola de Valor, promovido pela Secretaria Estadual de Educação. Numa autoavaliação da gestão, todos os funcionários professores e comunidade (incluindo alunos, pais e responsáveis) trabalharam imbuídos no intuito de disponibilizar com a maior transparência possível o que é necessário para o bom critério de julgamento positivo.

A Escola de Valor além do prêmio financeiro é um reconhecimento do bom exemplo de gestão educacional, que é provido nas Escolas Públicas do Governo da Paraíba. De acordo com a necessidade e na medida em que se fizeram necessários, recursos financeiros são provenientes de:

- PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola)
- PODE (Projeto Orçamento Democrático Escolar)

O método do Projeto Pedagógico vem de encontro às necessidades de inovação que os professores desejam para atuarem melhor no desenvolvimento de suas atividades práticas docentes em sala de aula. Como também trabalha com os Projetos: Dia da Mulher, Aniversário da Cidade, Meio Ambiente e Sustentabilidade na Escola e realização dia das Mães, dia dos Pais, dia das Crianças, Ações voltadas à preservação da água, dia de combate à dengue, e o dia do folclore. Também outro evento importante foi a realização da Conferência do Meio Ambiente, com palestrantes e alerta para a conservação de um mundo melhor. Por fim, destaque-se a Quadrilha Junina apresentada no mês de Julho, onde um bom público comparece e a instituição resgata uma tradição popular de sua comunidade.

A escola tem uma administração coletiva, onde existe a preparação de toda a comunidade escolar nas decisões do processo educativo, desenvolvendo assim a democratização das relações que existem na mesma, facilitando bastante o desempenho administrativo pedagógico da instituição. A gestora, por sua vez, está ciente do seu papel administrativo, a qual tem uma dimensão política, com ação participativa, comprometida com a educação e o bom andamento da escola.

Durante a fase de observação, pude constar a professora efetiva da turma lida com seus alunos de forma afetiva, planejando e aplicando atividades metodológicas claras e objetivas. São atividades lúdicas e desafiadoras, pelas quais as crianças participam e aprende com prazer.

Em relação ao Planejamento Didático-Pedagógico (PDP), a escola adota um sistema de PDP semanalmente, procurando atender as necessidades de ajustar as práticas de ensino do dia a dia.

Refletindo sobre a importância do planejamento, Vasconcelos (2000, p. 8) afirma que o planejamento é a orientação para o professor fazer no cotidiano. É a partir do plano de aula que o professor evita improvisação e a rotina.

Assim, a escola discute e explicita de forma clara os valores coletivos assumidos. Delimita suas prioridades, define os resultados desejados e incorpora a autoavaliação ao trabalho do professor, organizando o planejamento, reunindo a equipe de trabalho, provocando o estudo e a reflexão contínuos, dando sentido às ações cotidianas, reduzindo a improvisação e as condutas estereotipadas e rotineiras que, muitas vezes, são contraditórias com os objetivos educacionais compartilhados.

De acordo com Freire (1997, p. 58) planejamento é um processo ininterrupto, processual, organizador da conquista prazerosa dos nossos desejos onde o esforço, a perseverança, a disciplina são armas de luta cotidiana para a mudança pedagógica.

No que diz respeito à minha intervenção, as aulas foram planejadas no sentido de colaborar com a aprendizagem dos alunos da Escola Sergina Laura Dantas. A intervenção foi realizada no turno matutino, de 07:00h às 11:15h, em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, durante os dias 27 de maio a 02 de Junho de 2014, com o propósito de articular os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Pedagogia e a prática docente.

Durante a semana de intervenção sempre começava a acolhida com a Oração do Pai Nosso e a canção de Bom dia, em seguida era feita a leitura em ação, cujo objetivo era favorecer a aprendizagem dos alunos de acordo com o assunto do dia. Nesse sentido, as aulas foram planejadas dando continuidade aos conteúdos trabalhados pela professora efetiva da turma de acordo com as competências/capacidades dos alunos. A sala de aula estava sempre bem organizada, todas as crianças participavam das atividades, nas quais era dada a oportunidade de participação, de expressão e de desenvolver a criatividade.

As atividades contemplavam a ludicidade, vista como um recurso de estímulo e de aprendizagem significativa. Além disso, essas atividades foram agregadas às experiências que as crianças já tinham sobre os componentes curriculares, o conhecimento de mundo e do entorno do contexto social no qual elas estão inseridas.

Vale destacar que escola desenvolveu um projeto Meio Ambiente pelos bairros da cidade com panfletos, cartazes envolvendo a comunidade e escola, com o intuito de despertar os indivíduos para a necessidade de se preservar Meio Ambiente.

Durante a execução desse projeto, foi possível perceber que as crianças desenvolveram habilidades e competências acerca do respeito, da responsabilidade, do cuidado e, além disso, demonstraram satisfação com os trabalhos fora dos muros da escola.

## 2. UM OLHAR SOBRE A ESCOLA: O ENSINO FUNDAMENTAL EM FOCO

Vivemos em uma sociedade na qual as informações são transmitidas em um ritmo acelerado envolvendo informações correspondentes a conhecimentos que são aplicados no dia a dia, principalmente das crianças, em diversos lugares e situações variadas. A sociedade contemporânea vive um processo de rapidez de informações e de mudanças culturais e, em função disto, os indivíduos, sobretudo os adultos, estão cada vez mais imersos em crises existencialistas intensas, o que acaba comprometendo o desenvolvimento psicológico das crianças que tem nos adultos um modelo que deve ser seguido.

A força dessas mudanças acaba afetando também o ritmo de vida das crianças, visto que elas parecem estar mais vulneráveis a todo esse processo de intensidade, excedendo, muitas vezes, o seu tempo e espaço de ser criança. Sobre isso Outeiral (2002, p. 119) enfatiza que

Nossas crianças estão expostas a um ritmo intenso. O enunciado básico é de que o tempo das crianças hoje é muito mais rápido do que o tempo dos adultos refere-me, evidentemente, ao tempo interno, tempo de elaboração das experiências, e não apenas ao tempo cronológico.

Desde muito cedo as crianças começam a ter contato com as mais variadas informações, tanto no âmbito da leitura, da escrita, quanto dos jogos eletrônicos. Essas experiências, muitas vezes, fazem parte da vida da criança antes mesmo de elas frequentarem a escola, visto que hoje o mundo da informação é muito mais rápido e acessível do que em outrora. Em função disto, acredita-se que o tempo da criança dessa era pós-moderna tem uma velocidade muito mais significativa do que o tempo dos adultos, que não dão conta de acompanhar tal velocidade em virtude do acúmulo de tarefas que lhe são atribuídas socialmente.

Diferente dos adultos, a inserção das crianças às diversas formas de produção de informações da contemporaneidade é mais sociável porque elas dispõem de um tempo. Isso se dá, principalmente, no convívio com a tecnologia de informação e comunicação, na socialização das brincadeiras, no contato com um mundo de imagem que se apresenta para elas. A partir dessas experiências os pequenos vão experimentando novas formas de pensar, ser e agir, ainda que

estejam na fase de fantasia, sonho e inventividade, pois é através da invenção que a realidade se configura, mesmo que inconscientemente.

Quando a criança chega à escola já traz uma experiência de mundo muito ampla. É durante o processo de alfabetização que ela começa a sistematizar essas experiências e, felizmente, a escola hoje está mais atenta a essas questões, procurando atender as necessidades emergentes do universo infantil. As práticas docentes, cujas metodologias são mais ousadas e significativas, tentam priorizar o ensino da alfabetização de forma inovadora, respeitando os limites, capacidades dos alunos e acreditando que todos podem aprender.

Nesse sentido, é necessário que o docente desta série compreenda que a aprendizagem dos alunos envolve curiosidade e a busca das respostas aos questionamentos. Para isto, a escola precisa dar espaço para que eles produzam e mostrem o que sabem. O professor precisa oferecer um leque de atividades interessantes e significativas que estimulem naturalmente a necessidade da criança de aprender a ler e escrever, e que sejam capazes de transformar a alfabetização num momento natural e não num penoso ritual.

Entende-se que ler e escrever não são processos tão simples, pois exigem esforço de quem ensina e aprende. A leitura e a escrita são atividades fundamentais na formação de qualquer ser humano e tendem a ser comprometidas através da prática cotidiana. Quando se fala nesta prática pode-se começar pela “leitura de mundo”, ou seja, uma leitura de resgate, tratando-se deste modo, da experiência de vida da pessoa, da sua percepção da realidade que vive e de como vai tomando consciência dessa realidade.

Aos poucos, a escola brasileira vem percebendo a necessidade de se aprimorar a tarefa de alfabetizar. Cada vez mais, as redes investem na capacitação docente, na oferta de material didático pedagógico, nos recursos tecnológicos e na ampliação do espaço físico, oferecendo um ambiente confortável e acolhedor aos alunos.

O Ensino Fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante e, segundo a Lei de Diretrizes de Base art. 32, 34 (1996, 20-21) visa

- ✓ O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura e da escrita;

- ✓ É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos. Os estabelecimentos que utilizam progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo- ensino aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.
- ✓ A jornada escolar no Ensino Fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na Escola.

As políticas públicas para o Ensino Fundamental, editadas pelo MEC, revelam um novo modelo de educação no Brasil. De acordo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- PNAIC (2003, p.28) O direito à Educação Básica é garantido a todos os brasileiros e, segundo prevê a Lei 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, “tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Art. 22). A escola é obrigatória para as crianças e tem papel relevante em sua formação, a fim de desenvolver capacidades de pensar, agir e participar ativamente das diferentes esferas sociais. Dentre outros direitos, é prioritário o ensino da leitura e escrita.

De acordo com PNAIC (2003, p.29)

Para atender às exigências previstas nas Diretrizes, torna-se necessário delimitar os diferentes conhecimentos e as capacidades básicas que estão subjacentes aos direitos. Nos quadros a seguir, alguns conhecimentos e capacidades estão descritos e podem ser postos como pontos de partida para o estabelecimento do debate. São descritos direitos de aprendizagem gerais, que permeiam toda a ação pedagógica e depois são expostos quadros com conhecimentos e capacidades específicos organizados por eixo de ensino da Língua Portuguesa: Leitura, Produção de textos Escritos, Oralidade, Análise Linguística. O eixo Análise Linguística foi dividido em dois quadros, com o objetivo de destacar as especificidades do ensino do Sistema de Escrita Alfabética, necessário para que as crianças tenham autonomia na leitura e produção de textos, separando tais direitos de outros aspectos da análise linguística, também fundamentais para a ampliação das capacidades para lidar com as situações de produção e compreensão de textos orais e escritos.

A leitura e a escrita são objetos de nossa atenção porque, muitas vezes, estamos acostumados a ver e tratar as relações das crianças com esses processos como meros procedimentos de alfabetização. Nesse sentido, Ferreiro (1985, p. 55)

destaca que escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler não equivale a produzir som com a boca, ou seja, aquilo que o olho reconhece visualmente. Alfabetizar vai além dessas concepções, é preciso desenvolver as capacidades de compreensão de símbolos e sentido do texto, ainda que seja uma palavra ou uma frase. Desta forma, a alfabetização se tornará um verdadeiro espetáculo, no qual o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita será responsabilidade de todos os envolvidos no processo.

Assim sendo, torna-se interessante que a criança tenha contatos com propagandas, cartazes, meios de comunicação e outros materiais disponíveis na instituição escolar, que incentivem a leitura e a escrita.

Para isto, é necessário investir em atividades que possam motivar para o contato efetivo com a diversidade de gêneros textuais e, conseqüentemente, possa despertar para a leitura de diferentes textos em diferentes níveis de aprendizagem. Sobre esse aspecto, Barbosa (2006, p. 27, 49) enfatiza

Acreditamos que no atual cenário de desencanto escolar motivar seria a palavra chave para o resgate do interesse pelo aprender, pois etimologicamente a palavra motivo vem do latim “movere”, “motum” e significa àquilo que faz mover, em conseqüência motivar significa movimento.

O autor defende que existem vários desencantos no que se refere ao ato de ensinar, isto acontece, devido a inúmeros fatores que são desencadeados para isso, como por exemplo, a falta de incentivo por partes dos governantes, a desvalorização salarial, entre outros fatores. A questão é: como motivar o aluno para aprendizagem, quando o professor não está motivado para ensinar?

No que tange a experiência da aprendizagem da leitura, Ferreiro e Teberosky (1985), evidenciam que no percurso da aprendizagem, as crianças elaboram hipóteses sobre como a escrita funciona, ou seja, em lugar de apenas memorizar as relações entre letras e sons, ela tenta compreender as regularidades do nosso sistema de escrita. Desse modo, podemos inferir que quanto mais motivado estiver o aprendiz, mais concentrado na busca de desenvolver os processos da escrita e da leitura ele estará.

Assim, as práticas de sala de aula devem ser orientadas no sentido de levar a criança, durante as atividades de leituras e produção de texto, a compreender o que se escreve e a forma como se escreve determinados textos.

Com isso, torna-se importante ressaltar que além de recursos visuais, todos os funcionários da escola precisam participar direta ou indiretamente do processo de alfabetização da criança como alfabetizadores, através de informações, mensagens ou advertências, expostas em seu lugar de trabalho, promovendo deste modo, um ambiente acolhedor, onde a leitura e a escrita estejam sempre presentes, numa quantidade moderada, de acordo com os interesses dos alunos, da quantidade e dos tipos de recursos oferecidos pela instituição como também a estrutura da escola.

Dessa forma, percebe-se que quando a escola conta com um espaço e uma equipe de professores que realizam um trabalho planejado, elaborado e organizado, pensando na motivação seguida da aprendizagem dos alunos, significa que a mesma está preparada para receber o alunado e conduzi-lo ao mundo da leitura e da escrita de forma prazerosa.

Vale salientar que com a sala de aula não pode ser diferente, paredes, estantes, quadro negro, personagem infantis, caixinhas de sapatos, cestas com livros e outros, todos devem estar ornamentados com frases, palavras e/ou letras. Para isto, cabe ao professor o dever de preparar um ambiente harmonioso que incentive a criança a sentir vontade de ler e escrever. E com isso, nesse clima de entusiasmo, a leitura e a escrita atinja um espaço dentro e fora da sala de aula.

A leitura e a escrita estão em toda parte, as crianças começam a entrar em contato com o mundo letrado muito cedo, pois os objetos que estão a sua volta (embalagens, adesivos, jogos, brinquedos, televisores, placas comerciais, historias infantis, dentre outras) são fontes inesgotáveis de estímulos direcionados à aprendizagem. Sendo assim, a alfabetização se torna uma aventura vivenciada pelo próprio aluno, quando bem conduzida pelo professor. Refletindo sobre isso, Smith (1989, p.236) afirma que:

Existe somente um modo de se resumir tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, e este é dizer que a criança deve aprender a utilizar a informação não- visual, ou o conhecimento anterior, quando atentado para linguagem escrita. E uma compreensão das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não visual. Pois o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou regras fonéticas, ou um grande vocabulário, tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura.

Quando falamos sobre a importância de alfabetizar e ser alfabetizado, queremos ressaltar que esse momento de aprendizagem é único, repleto de tensão, superação e descobertas, atingindo o emocional, o intelectual e o social do alunado com bastante intensidade. Essa transformação requer do professor um grande envolvimento na ação de ensinar e aprender, requerendo também o gostar do que faz e principalmente de transmitir em ação a emoção de ensinar às crianças, só assim o processo de alfabetizar conduzirá os alunos no caminho de novas descobertas incríveis.

Para estimular a participação dos alunos na leitura de pequenos textos, cabe ao professor estabelecer em sala de aula, situações que possibilitam a interação professor-classe e estimulem a interação aluno-texto. O diálogo do professor com os alunos é importante, porque estabelece a troca de experiências entre professor/aluno, aluno/aluno, favorecendo o crescimento de todos nesse processo.

O ensino fundamental visa preparar a criança para interagir no seu meio social. Para isso o professor consciente de sua responsabilidade, além de trabalhar com o livro didático, procura usar textos diversificados que fazem parte da realidade na qual os alunos estão inseridas, proporcionando uma aprendizagem mais eficiente.

Durante o nível fundamental de ensino, sobretudo na primeira fase, a criança vivencia situações cotidianas que, a médio e longo prazo, garantem a consolidação no envolvimento do exercício da função simbólica, da formação de memória e do desenvolvimento das bases da imaginação e da realidade.

Com base nisto, acredita-se que o professor dinâmico é aquele que procura motivar seus alunos, além de trabalhar com o livro didático, manuseia também jornais, revistas, histórias em quadrinhos e outros textos, isto é, símbolos que abordam assuntos do interesse dos educandos, visando com isso à compatibilidade do nível de conhecimento das crianças a que se destinam os processos de ensino-aprendizagens.

Discutindo a funcionalidade do manual didático e de outros recursos para trabalhar a leitura e a escrita, utilizados pelo professor em sala de aula, Barbosa (2002, p.11-26) destaca que:

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileiro. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, a coerência e as eventuais restrições que apresentam em relação aos objetivos propostos. Além disso, é importante que o livro didático não deve ser único material a ser utilizado (pois a variedade de fontes é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento). A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz de o aluno sentir-se inserida no mundo à sua volta.

A esse respeito, torna-se importante contar com a participação dos alunos desde a seleção dos textos a serem trabalhados em sala de aula até o momento da avaliação. Repetindo esse procedimento sempre que passar para o nível seguinte de alfabetização.

Portanto, o professor que assume o compromisso de alfabetizar um grupo de aluno, sabe que além de ensinar a ler e escrever precisa estimulá-lo à interpretação de textos com autonomia e o senso crítico, que devem ser motivados pelo processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Rogers (1978, p. 21): “quando se verifica a aprendizagem, o elemento de significação desenvolve-se para o educando dentro da sua própria experiência como um todo”.

Posto isto, torna-se de fundamental importância ressaltar que todos os conhecimentos ensinados durante o processo de alfabetização, tem o intuito de abrir novos horizontes para a aprendizagem, promovendo ao educando a oportunidade de trilhar seu próprio caminho durante todo o percurso de sua vida acadêmica, pessoal e profissional, enquanto cidadão crítico e participativo da sociedade atual.

### 3. ALFABETIZAR LETRANDO NAS SÉRIES INICIAIS: caminhos possíveis

A alfabetização é entendida como instrumento eficaz para a aprendizagem, pois logo cedo as crianças começam a entrar em contato com um mundo letrado, os jogos, os brinquedos, os livros, os computadores, todas essas ferramentas fazem parte da vida das crianças antes mesmo de frequentar uma escola.

Com isso, durante as brincadeiras realizadas fora da escola, as crianças entram em contato com a leitura e cabe à escola, posteriormente, sistematizar o conhecimento da criança acerca desses dois processos comunicativos, uma vez que a comunicação é uma necessidade humana, seja através dos gestos, seja por meio da palavra.

A alfabetização tem assumido uma nova roupagem no que tange as formas de ensinar a ler e a escrever, visto que não se concebe mais um ensino de leitura fora do contexto social da criança. Sobre esse aspecto, o educador Paulo Freire criticou as práticas de leitura mecanizadas, para ele “não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’”. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho (FREIRE apud CASTANHEIRA, 2009, p.15).

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor tome consciência de que o acesso ao mundo da escrita é, em grande parte, responsabilidade da escola, e esta deve conceber uma alfabetização numa perspectiva de letramento. Contudo, não se pode negar que esses fenômenos são complexos e exigem paciência, trabalho e planejamento. Para Soares, esses fenômenos

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar para ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (2003, p. 92)

Nesse sentido, acredita-se que alfabetizar letrando é uma questão a ser refletida, pois não basta compreender a alfabetização apenas como a aquisição de uma técnica. Ciente da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a assumir uma postura política que envolve o conhecimento e o domínio do que ensinar e como ensinar.

Desta forma, cabe ao professor-alfabetizador o compromisso de preparar um ambiente harmonioso que incentive a criança a sentir vontade de ler e escrever. E com isso, em clima de entusiasmo, a leitura e a escrita atinjam um espaço inter e extra sala de aula. Para Vygotsky:

O desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer o que se deve fazer é, ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras. (1987, p.134).

Segundo o autor, o mediador desse processo, o professor, deve entregar o papel ao aluno e pedir que eles escrevam textos, através de desenhos, e que nesses desenhos a criança se expresse de maneira livre, onde ela externar seus desejos, suas inquietações e sua vontade de revelar sentimentos livremente, pois assim a criança está aprendendo muito mais.

Todo processo de escolarização das crianças, desde tempos mais remotos, precisa ter como objetivo central a alfabetização. Entrar para a escola significava aprender a ler e a escrever, ou seja, ser introduzido ao mundo letrado. Este pressuposto, porém, atualmente perde sua força. Primeiro, pelas discussões que se colocam hoje sobre o processo de apropriação de conhecimento das crianças que, por participarem ativamente da cultura em que estão imersas, estabelecem desde muito cedo inúmeras relações com tudo que está a sua volta.

Nesta fase, o professor caminha juntamente com seus alunos em um mundo fantástico, onde a leitura e a escrita aparecem com cores, formas e tamanhos variados, em lugares reais e imaginários (maquete), respeitando o ritmo de cada criança, despertando o gosto pela leitura e a escrita, vivenciando pelo próprio

professor, ultrapassando assim, os limites da sala, passando a fazer parte da vida de cada criança. Sobre esse aspecto, Harper lembra que:

Quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de utilizar recursos variados e não apenas “saliva e giz”. Convém estimular todos os sentidos, dar exemplos, lembrar filmes sobre o assunto, aguçar a curiosidade das crianças com questões e problemas. (1992, p. 63)

Como podemos perceber nas palavras do autor, torna-se interessante que o professor surpreenda os seus alunos, alfabetizando-os de forma prazerosa, promovendo atividade que despertem a curiosidade do educando e do próprio alfabetizador, que estão juntos e embarcam nessa aventura, cujo objetivo é a leitura e a escrita. Permitindo ainda que os resultados sejam previstos mas não acabados, porque a aprendizagem acontece na prática com a participação de todos envolvidos nesta aventura (gestores, professores e alunos), fazem com que as aulas se tornem mais estimulantes, despertando a curiosidade que direciona à aprendizagem.

### **3.1 Alfabetização e letramento: planejar é preciso**

O contato com os professores alfabetizadores nos cursos de formação continuada tem revelado algumas de suas práticas em relação à organização do planejamento escolar. É comum ouvir depoimento deste tipo: “Na minha escola, nós utilizamos o mesmo planejamento para todas as turmas, o que diferencia é o ritmo de aprendizagem dos alunos. Não temos tempo para planejar o trabalho, vivo de constantes e improvisações. Eu sempre aproveito o planejamento do ano anterior e acrescento algumas atividades novas”.

Quando analisamos esses tipos de condutas, que fazem parte de cotidiano do trabalho de muitas escolas, avaliamos suas implicações na prática de ensino da língua escrita, pois compreendemos que as questões que envolvem o fracasso, entre outros aspectos, tem a ver com pensamento e práticas dessa natureza. É preciso que a escola se articule no sentido de planejar as atividades de leitura e escrita de acordo com as necessidades de cada turma, ou de cada criança, visto que cada uma faz parte de contextos diversos.

A prática de ensino é uma ação intencional que procura atingir determinados fins, para ser realizada, apoia-se em conhecimentos sobre como funciona a

realidade da sala de aula, nos conteúdos a serem ensinados e no perfil dos alunos que são sujeitos desse ensino. Embora muitos profissionais reconheçam como funciona a realidade das turmas de alfabetização, as situações vividas, quando o professor ensina a ler e a escrever, são imprevisíveis. Por isso, o professor precisa atuar como um agente desse processo, definindo as diretrizes do seu trabalho, sabendo conduzir e adequá-las as condições reais da criança.

A aprendizagem da linguagem escrita envolve conteúdos e capacidades como: I. a compreensão e valorização da cultura escrita, que objetiva possibilitar aos alunos a compreensão dos usos sociais da escrita e gerar a necessidade de prática da leitura e escrita; II. Apropriação do sistema de escrita, que envolve a compreensão das regras que orientam a leitura e a escrita no sistema alfabético bem como a ortografia a língua portuguesa; III. A leitura, que abrange desde as capacidades necessárias do processo de alfabetização até aquelas que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas; IV. A produção de textos escritos, que envolvem as capacidades necessárias ao domínio da escrita, consideramos desde as primeiras formas de registro alfabético e ortográfico até a produção autônoma de textos; V. o desenvolvimento a língua oral (oralidade) dos alunos com o objetivo de desenvolver formas de participação consideradas adequadas para os diferentes espaços sociais. (CEALE, 2005, p.36-39)

Nesse sentido, a escrita e a leitura são processos indissociáveis, de forma que um não existe sem o outro. A partir das experiências orais, ao chegar à escola, a criança na fase de alfabetização, passa a ter contato com os símbolos gráficos e associar sons e letras, constituindo, para muitos, a alfabetização. Porém, o caminho é muito mais extenso, visto que apropriar-se dos conhecimentos linguísticos é um processo contínuo na vida do indivíduo.

Para isto, o processo de ensino-aprendizagem exige participação ativa do educando, desde sua formação, às estratégias utilizadas em sala de aula. Com isso, para que haja um trabalho mais consistente é preciso elaborar e selecionar muito bem os recursos materiais e saber a funcionalidade desses recursos na aprendizagem do aluno, visto que as ferramentas didáticas são indispensáveis para as atividades diárias do professor.

Deste modo, o uso desses recursos facilita a compreensão dos textos trabalhados com os alunos. Cabe ao alfabetizador utilizar recursos atuais ou tradicionais, considerando a importância da escolha desses recursos para a

contribuição da aprendizagem do alfabetizando. Discutindo acerca dos métodos de ensino, Freire (1996, p, 35) aponta que:

É preciso pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo não poder ser negada ou acolhida só porque é novo, assim como critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico, o velho que preserva sua realidade ou encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo.

Portanto percebe-se que uma sala de aula sem recursos didático-pedagógico se torna distante da realidade dos alunos. A partir disto, é interessante alfabetizar usando ferramentas que fazem parte do seu cotidiano da criança, como jogos, brincadeiras, embalagens, músicas, histórias, cartazes.

Quando o professor trabalha com jogos, ele conta com um instrumento valioso, através dos jogos as crianças aprendem brincando. Ressaltando-se que a competição entre o educando ativa a aprendizagem da leitura e da escrita. Deste modo, à medida que o alunado estuda os textos para conseguir um bom resultado durante as competições, naturalmente estará progredindo no desenvolvimento da leitura e da escrita. Refletindo sobre isso, Martin destaca que

Em todos os jogos, atividades e experiências as crianças se educa, aumenta a sua capacidade de ação, facilita e controla os momentos, enquanto o espírito de observação, a atenção, os sentidos, o raciocínio são conjuntamente solicitados pelo próprio indivíduo que pratica as atividades. O professor terá que satisfazer a este conjunto sempre, mas acompanhando a criança que se desenvolve, deverá favorecer-lhes situações educativas diversas que possam influir, isto é a fim de que o grupo encontre ocasião para ativar estas capacidades. (2002, p. 5-8)

As brincadeiras e jogos são fundamentais durante o processo de alfabetização. O aluno chega à escola trazendo muitos conhecimentos que na maioria das vezes são apresentados de forma desconexa, mas essenciais para a sua alfabetização. Com isso, as brincadeiras realizadas durante os anos que antecedem a vida escolar servem como alicerce para as novas brincadeiras, agora com o objetivo determinado pelo processo de ensino-aprendizagem, aprender a ler e escrever brincando. De acordo com Barbosa:

Se a vida é um jogo e o jogo pode se transformar em brincadeira, porque não viver brincando e aprender com a brincadeira permite ao educando criar, imaginar, fazer de conta, funcionam como laboratório de aprendizagem, permite ao educando experimentar, medir, utilizar, equivocar-se e fundamentalmente aprender. (2006, p.122)

Como a autora afirma, o jogo pode contribuir com a aprendizagem da criança, visto que através dele é possível inventar, criar e transformar fantasias em realidade. Nesse sentido, é possível, também, ensinar a ler e escrever de forma mais dinâmica e criativa, bastar que o professor planeje, selecione e execute atividades de leitura e escrita a partir de atividades que envolvam o lúdico, a brincadeira e os jogos interativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como o professor-alfabetizador conduz seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objetivo escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e escrever em diferentes situações comunicativas e sociais, visto que aprender a ler e escrever é mais do que o simples domínio de codificar e decodificar, exige esforço, paciência e trabalho planejado e elaborado com base nas experiências de vida da criança nessa fase escolar.

Entende-se que a alfabetizar na perspectiva do letramento, se configura hoje em uma necessidade urgente, dada as exigências da sociedade contemporânea para que o sujeito tenha as capacidades de ler, entender e posicionar-se diante de uma situação-problema. Nesse sentido, pensar a alfabetização de forma mais consistente, na qual o aluno além de aprender a ler, precisa compreender o ler.

As discussões em torno dessas questões têm ganhando uma proporção imensa em virtude das dificuldades que a escola enfrenta hoje com a formação de leitor competente, pois dados revelam um número muito grande de analfabetos funcionais no Brasil, ou seja, aquele que aprendeu a decifrar signos, mas não compreende o sentido da palavra em um determinado contexto.

Assim, entende-se que esse problema se deve, sobretudo, a falta de uma base bem estruturada no que concerne ao ensino de leitura e escrita, um ensino, muitas vezes, descontextualizados que em nada contribui com o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras dos alunos, principalmente nos primeiros anos de escolaridade, ou no chamado ciclo de alfabetização.

Portanto, espera-se que este trabalho possa ampliar as reflexões sobre a alfabetização da criança no tempo certo, mas com qualidade, a fim de ela possa se tornar um leitor proficiente de diversos gêneros e modalidades textuais, que saiba interpretar e fazer suas intervenções.

Além disso, deseja-se que outras questões aqui debatidas suscitem o interesse de professores e demais pesquisadores da área educacional, sobretudo no que diz respeito à gestão escolar, à educação infantil e ao ensino fundamental e as formas de serem concebidos os procedimentos administrativos e pedagógicos nas instituições de ensino, principalmente, nas escolas públicas.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Janete M. L. O Estado, a política educacional e a regulação do setor educação no Brasil: **uma abordagem histórica**. In: FERREIRA, Naura S. Carapeto;
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**, 2ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BUSS, A. M. B. **Entidades de gestão democrática**. SED, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990. Coleção Magistério, 2º grau.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 104-105.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: Parâmetros Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. vol. 1 e 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo inclusivo: o direito de ser alfabetizado : ano 3 : unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia et al. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.
- CEALE. **Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita**. Faculdade de Educação/UFMG. *Avaliação Diagnóstica*: alfabetização no Ciclo Inicial. Belo Horizonte: SEE-MG/CEALE, 2005.
- CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DIDONET, V. (2007). **Fragmentos de história da educação infantil no Brasil**: algumas reflexões. 2007.
- DORNELLES, Leni Vieira apud CRAIDY e KAERCHER (org.) In: **Educação Infantil Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médias, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- NEGRINE, A. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: EDSCS, 2002.
- NOVA ESCOLA, Revista. Ed. N.170, Março 2004, ed. Abril, p. 47-48.

ROGERS, Carl R., **Liberdade para aprender**. Tradução de Edgar Godoi da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. Ed. 4. Belo Horizonte, Interlivros.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOARES, M.B. **A escolarização na Literatura Infantil e Juvenil** in: Evangelista. A. et.al (Org) *A escolarização da Literatura: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

OUTEIRAL, José apud BARBOSA, SERRAT, Laura Mont. **Psicopedagogia e a Educação**. 2 ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006, p.63.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.